

O MINISTÉRIO adventista





Foi Para Mim que o

"Pastor, quando ouvíamos o seu sermão no sábado, era como se estivesse falando na sala de nossa casa", disse alvoroçada uma irmã ao pregador na manhã da segunda-feira. A mesma impressão ficou na mente de muitos dos adoradores. Aquele pregador tinha a virtude de falar a pessoas e não a multidões, mesmo que se estivesse dirigindo a centenas ou a milhares de ouvintes.

A responsabilidade que o pregador assume ao ocupar o púlpito é tremenda. Cada ouvinte é um mundo em si mesmo, com suas preocupações, problemas, alegrias e necessidades. Assim como não há numa congregação duas pessoas com impressões digitais iguais, tampouco há duas exatamente iguais em personalidade. Ali está um jovem. Suas necessidades são as mesmas que de um adulto ou mesmo de um ancião, mas o caminho para alcançar a satisfação dessas necessidades talvez seja diferente nos respectivos casos. O problema ou a necessidade do profissional ou do artesão, também poderá ser o mesmo, mas o enfoque dado ao sermão pode vir a motivar a um, deixando o outro totalmente fora. O esposo feliz reagirá de modo diferente daquele que porventura tenha uma esposa não convertida, infiel ou doente. A expressão "lar", significará uma coisa para um jovem abandonado pela família, e pode ter sentido totalmente diferente para outro jovem que desfruta a companhia unida de pais e irmãos. O que tem a consciência tranqüila terá um impacto bem diferente em relação ao sermão com sua mensagem do que o que tem a consciência culpada. Realmente não há duas consciências iguais em toda a congregação.

Todavia, o pregador precisa alcançar a todos. E há os que o conseguem! Há pregadores e sermões que provocam uma reação total e uniforme no auditório, chegando ao coração de todos. Onde está o segredo? Não é fácil descobri-lo, e menos ainda descobri-lo no papel. Todavia, há princípios que só podem ser comentados ao modo da semente — com

o fim de fazer brotar a meditação e o exame pessoal. Devemos tentá-lo.

Primeiro: Qual o objetivo final e básico da pregação? Será entreter? Repartir conhecimento? Despertar emoções? Salvar? Qual a diferença fundamental entre um circo, uma sala de aulas, uma sala de espera de um consultório médico e uma igreja em reunião? Em todos há público. Como tem suas perspectivas satisfeitas cada um que ali chega? É bastante claro: o circo cumprirá o que prometeu mediante a atuação de seus elementos, sejam eles palhaços, trapezistas ou outros. O professor faz o mesmo com a lição bem explicada. O médico, com o seguro diagnóstico e a respectiva restauração do corpo ou da mente do enfermo. E o pregador? Será talvez um pouquinho de cada um? Logicamente, deve apresentar a mensagem com graça a fim de torná-la atraente. Deve ensinar de maneira clara, e deve diagnosticar e curar. Mas tudo isto tem em vista levar o ouvinte a desejar e a obter o que a igreja tem para oferecer, e que a torna diferente do circo, da aula e da sala de espera do médico: a comunhão com Deus.

Se o adorador sai admirando somente os dotes do pregador ou a lógica dos seus argumentos, pouco se terá alcançado. Mas pode dar-se por satisfeito o pregador que conseguir levar sua congregação a um encontro real com Deus. Há os que vêm em Rom. 15:16 o pregador como "ministro", ao estar "ministrando o evangelho", como realizando uma função litúrgica, sacramental, sacerdotal. Não é, portanto, apenas um artista, ou mestre ou médico, mas um sacerdote. Sua relação não é meramente com o auditório; ele atua como um intermediário entre Deus — provedor da mensagem — e o homem, seu recebedor.

Conseguindo isto, o pregador chegará à alma de toda a sua congregação, não obstante as diferenças sociais, culturais ou de idade.

Segundo: O importante é a mensagem que se

Pastor Falou

transmite e não tanto a forma de dissertação, entendendo-se, porém, que uma boa mensagem, apresentada de modo atraente, será duplamente benéfica. Contudo, no campo da pregação, é preferível uma mensagem sem oratória, a uma boa oratória sem mensagem. Portanto, cremos muito razoável aquela recomendação de um professor de homilética, que sugeria preparar em primeiro lugar a conclusão de um sermão, para saber em que sentido deve dirigir o material que o formará. Em outras palavras, escolher primeiro o lugar de destino, para depois escolher o veículo ou meio de transporte a usar, e a rota a seguir.

Há pregadores que possuindo grande agilidade de palavra, entretêm o auditório com riqueza de vocabulário, mas sem verdadeiro conteúdo. Não havendo mensagem, o alvo do sermão não é alcançado.

Pensando nisto, temos introduzido ultimamente algumas mudanças no enfoque que damos aos temas apresentados em campanhas de evangelização. Temos dirigido os temas mais ao coração do que à mente. Temos abandonado alguns temas de tipo argumentativo para falar mais de uma nova experiência que se alcança em Cristo e que está à disposição deles. Se não falamos de experiências teóricas, e se mediante a oração conduzimos os ouvintes a viver o que o evangelho oferece, experimentando suas bem-aventuranças, a aceitação das verdades doutrinárias não apresentará qualquer obstáculo. Aquele que por meio da mensagem que lhe apresentamos, vê o seu lar melhor e os seus horizontes ampliar-se, não terá argumentos teóricos para rebater as verdades apresentadas.

Terceiro: O elemento-chave na pregação é, indubitavelmente, o pregador. Se ele vive o que prega, se o sente, se a si mesmo se impressiona, logrará tocar profundamente sua congregação. "O evangelho não é evangelho enquanto não é proclamado por alguém que o esteja vivendo. Só é verdadeiro

quando sai dos lábios de alguém que o faça verdadeiro". São Paulo fala de "ornamento da doutrina". Tito 2:10. A doutrina é adornada quando é vivida, ou quando é transmitida em forma viva. Por isto, a preparação de um sermão não deve ser simples pregação de apontamentos ou de esboço, mas de preparação do pregador. Dizia João Knox: "A pregação não é um discurso sobre religião, mas uma pessoa religiosa falando". Diz também o mesmo autor, que o pregador "é alguém que reparte algumas de suas experiências mais íntimas e profundas com outras pessoas".

Resumamos tudo que se disse com uma declaração inspirada que diz: "Nosso próprio caráter e experiência, determinam nossa influência sobre os demais. Para convencer a outros do poder da graça de Cristo, temos de conhecer o poder desta em nosso coração e vida. O evangelho que apresentamos para a salvação das almas, deve ser o evangelho por meio do qual nossa alma é salva. Só mediante uma fé viva em Cristo como Salvador pessoal, pode-se fazer sentir nossa influência num mundo cético. Se fizermos arrancar os pecadores da corrente impetuosa, nossos pés devem estar firmados na rocha: Cristo Jesus". — La Necesidad del Obrero (Ellen G. White), pp. 5, 6.

"Pastor", disse aquela irmã, "quando ouvimos o seu sermão no sábado, era como se estivéssemos na sala de nossa casa". Sim, aquela foi uma mensagem pessoal, simples, familiar, conquanto profunda. Causou impacto. Não pôde ser aplicada ao vizinho, ao diácono ou ao irmão, porque pintava de corpo inteiro o jovem, o adulto, o ancião, o pobre, o rico, ao que veio de um lar feliz ou de um lar desfeito, e a cada um apresentava o chamado de Deus. Aquele pregador acertou no alvo. Que tal foi o seu último sermão? Foi uma verdadeira mensagem para o coração de toda a congregação? — Rubén Pereyra

Solucionando um Problema por Meio de Leigos

Carrie La Briola

(*Correspondente do Religious News Service*)

HARVEYSBURG, Ohio. — Outrora, e não faz tanto tempo assim, a igreja era o centro da vida rural e das pequenas cidades. Era certamente o centro espiritual, não raro o centro social, e muitas vezes o centro político. Os tempos mudam. As pessoas mudam. Novos hábitos surgem. O que acontece então com uma igreja pequena, de seus oito ou dez membros fiéis num domingo de manhã?

A maioria de tais igrejas acabam por morrer. A igreja metodista unida de Harveysburg estava enfrentando esta possibilidade. Mas agora ela é cenário de uma experiência que, se bem sucedida, pode levar nova esperança a outras igrejas de pequenas cidades ou rurais.

O experimento envolve o reavivamento de uma velha categoria de liderança metódista: os pregadores leigos. Um negociante de Wilmington, Ohio, William Haines, é o recém-indicado pregador leigo de Harveysburg. Ele tem capacidade de devotar mais tempo a responsabilidades pastorais do que qualquer pastor ordenado já partilhou.

O Sr. Haines recentemente vendeu uma loja de câmaras fotográficas que manteve durante dezoito anos, dedicando-se ao trabalho da igreja. Em seu primeiro domingo em Harveysburg o Sr. Haines teve trinta pessoas na congregação, e cinquenta pessoas

estiveram presentes à recepção do pregador leigo e sua esposa.

“Todos estão jubilosos”, disse a Sra. Lucy McCarren, tesoureira da igreja. “Descobrimos que podemos ter reuniões cada domingo e visitação. E como podemos fazer que todos revivam. Membros da igreja, especialmente os mais idosos, têm sido privados de visitação pastoral, pois um pastor que serve a três igrejas e ainda leciona, não pode realmente dedicar tempo a este trabalho.”

O Sr. Haines sente que foi dirigido por Deus para este lugar. Embora como leigo tenha estado presente nos cultos durante toda a sua vida, ele diz que o seu encontro com o Senhor “se deu há apenas seis anos”. O ex-proprietário de uma loja de câmaras fotográficas está fazendo agora um curso especial, a fim de estar habilitado ao licenciamento formal como pregador.

O Dr. Howard Spitnale, superintendente do distrito denominacional da Associação Oeste de Ohio, crê que há muitos leigos e ministros licenciados que poderiam exercer atividade leiga em pequenas igrejas e nas zonas rurais, com muito sucesso. No momento, diz o Dr. Howard, “há grande entusiasmo em Harveysburg”, e esperamos que esta experiência possa estender-se a outros lugares muito breve”.

O Serviço da Unção

UM dos deveres do ministro do Evangelho é orar e ungir os doentes. A Bíblia declara: “Está alguém entre vós doente? Chame os presbíteros da igreja, e estes façam oração sobre ele, ungiendo-o com óleo em nome do Senhor. E a oração da fé salvará o enfermo, e o Senhor o levantará; e, se houver cometido pecados, ser-lhe-ão perdoados. Confessa, pois, os vossos pecados uns aos outros, e orai uns pelos outros, para serdes curados. Muito pode, por sua eficácia, a súplica do justo.” S. Tia. 5:14-16.

O serviço da unção, quando é feito oração pelo doente, é o ato mais sério e não deveria ser feito sem pensar e preparar-se cuidadosamente. “Temos na Palavra de Deus instruções relativas à oração especial pelo restabelecimento de um doente. Mas tal oração é um ato soleníssimo, e não o devemos realizar sem atenta consideração. Em muitos casos de oração pela cura de um doente, o que se chama fé não é nada mais que presunção.” — *A Ciência do Bom Viver*, p. 227.

A inspiração não tem nos informado quanto aos detalhes deste serviço significativo e nem como todos os ministros o oficiam exatamente. Esperamos que as seguintes sugestões possam ajudar, pois são a soma total da experiência de vários ministros.

Alguns Princípios Básicos

Certo jovem ministro em seu primeiro distrito foi chamado para ungir uma senhora de meia-idade que estava sofrendo de um ataque agudo da vesícula. Enfaticamente ela declarou: “Pastor, eu não vou ao médico porque seria negar a fé em Deus.” Deveria alguém que pediu uma oração especial ir ao médico ou usar qualquer remédio, uma vez que seu caso foi colocado nas mãos de Deus pelos anciãos da Igreja? A serva do Senhor deu-nos conselho divino: “Os que buscam a cura pela oração não devem negligenciar o emprego de remédios ao seu alcance. Não é uma negação da fé usar os remédios que Deus proveu para aliviar a dor e ajudar a natureza em sua obra de restauração. Não é nenhuma negação da fé cooperar com Deus, e colocar-se nas condições mais favoráveis para o restabelecimento. Deus pôs em nosso poder o obter conhecimento das leis da vida. Este conhecimento foi colocado ao nosso alcance para ser empregado. Devemos usar toda facilidade para restauração da saúde, apro-

veitando-nos de todas as vantagens possíveis, agindo em harmonia com as leis naturais.” — *A Ciência do Bom Viver*, pp. 231, e 232.

A pessoa doente deve tomar a iniciativa de pedir o serviço da unção. Disse Tiago: “Deixa-o chamar os anciãos da igreja.” Esta admoestação é tomada literalmente, então os ministros ou parentes não devem tomar a responsabilidade de marcar o serviço. O pedido deve vir da pessoa que deseja a unção. Poderá fazer-se uma exceção para esta regra nos casos onde a pessoa está muito doente para pedir para os pastores virem, quando ele ou ela esteja inconsciente.

Há geralmente um acordo entre os ministros de experiência que haja unção apenas por doenças graves. Há alguns membros da igreja que quando a cura não é imediata, pedirão a outros ministros para realizarem unção. Eles sentem que quanto mais unções tiverem, maior é a chance para a recuperação. Esta prática degrada o mais solene serviço. Ministros de igrejas vizinhas e do escritório da Associação devem ser cuidadosos em aceitar tais pedidos antes de consultarem o pastor da igreja da qual o doente é membro. Parece que o assunto de ética é envolvido aqui.

O problema de ungir pessoas que não são membros da igreja complica muitos ministros sérios. Alguns sentem que esta cerimônia deve ser realizada apenas para aqueles que têm seus nomes no livro da igreja. Há algumas exceções para este proceder; mas seria mais consistente com os ensinamentos da Bíblia se o ministro orar pelas pessoas de fora da igreja em vez de realizar o serviço da unção por eles.

O Chamado Antecipado

Antes de ser realizada a cerimônia é necessário ter uma conversa séria com o paciente. Para a unção ser significativa, este chamado antecipado deve ser feito várias horas antes dos pastores virem juntos para usar o óleo. Assim a pessoa terá tempo para compreender o significado do que irá ser feito. Terá tempo para algum verdadeiro exame de seu coração. Em caso de doença crítica, o chamado antecipado poderá ser abreviado.

Um livro foi preparado para auxiliar, pelos nossos publicadores, intitulado **ORAÇÃO PELO DOENTE**. Este é um impor-

tante livreto com tipos grandes o que torna fácil para o paciente ler. É a compilação de materiais significativos dos escritos de E. G. White, apropriado para ajudar as pessoas compreenderem sua responsabilidade quando pedem por oração. Quando não se conseguir este livro, será conveniente a leitura do capítulo em “**A CIÊNCIA DO BOM VIVER**” por E. G. White intitulado: “**Oração Pelos Doentes**”, pp. 225-233.

Um requisito prévio para a unção está declarado na Bíblia. “Confessai as vossas culpas uns aos outros, e orai uns pelos outros, para que sareis.” S. Tiago 5:16. Isto significa que deve realmente sondar seu próprio coração, se possível. O paciente deve perguntar a si mesmo: “Está tudo certo entre mim e meu Deus?” Escreveu Davi: “Se eu tiver iniquidade em meu coração, o Senhor não me ouvirá.” Isto não significa que o ministro deve assumir a vez de “confessor”. Ao contrário, ele está ajudando a pessoa em angústia física a encontrar seus próprios problemas e a criar uma atmosfera para ajudar a pessoa a compreender-se.

“Ao que solicita orações, sejam apresentados pensamentos como este: ‘Nós não podemos ler o coração, nem conhecer os segredos de vossa vida. Estes são conhecidos unicamente por vós mesmos e por Deus. Se vos arrependeis de vossos pecados, é o vosso dever fazer confissão deles.’ O pecado de natureza particular deve ser confessado a Cristo, o único mediador entre Deus e o homem. . . . Todo pecado é uma ofensa a Deus, e Lhe deve ser confessado por intermédio de Cristo. Todo pecado público, deve ser do mesmo modo publicamente confessado. A ofensa feita a um semelhante, deve ser ajustada com a pessoa ofendida. . . . Havendo os erros sido endireitados, podemos apresentar as necessidades do enfermo ao Senhor com fé tranqüila, como Seu Espírito nos indicar. Ele conhece cada indivíduo por nome, e cuida de cada um como se não houvesse dado Seu bem-amado Filho.” — *A Ciência do Bom Viver*, pp. 228 e 229.

É prudente concluir esta entrevista com oração. Pode-se pedir ao doente que ore para que Deus o ajude a ver tudo na vida que possa impedir as bênçãos espirituais desejadas. Entre o tempo do chamado antecipado e o serviço de unção, deve ser feito um exame de coração. A entrevista é ter-

minhada com o ministro pedindo a Deus para dirigir a pessoa doente a uma real experiência em Cristo.

O Serviço da Unção

A Bíblia ensina ao cristão que está doente para chamar aos anciãos da igreja. Dois ou três pastores da Associação ou da igreja local devem fazer a unção. É conveniente pedir ao doente na entrevista anterior, dizer quem ele deseja que realize o serviço especial da oração. Os escolhidos devem ser homens de visão espiritual e oração predominante.

É bom notificar à enfermeira em serviço (no caso de ser num hospital) de que será efetuada a unção. Nos Hospitais Adventistas, muitas vezes, estarão prontos a mudar o doente para um quarto particular. No caso de haver outro doente no quarto, então deve ser colocada uma cortina para dar mais isolamento possível. Quando os pastores entrarem no quarto, eles devem permanecer juntos de um lado da cama para que assim possam ter uma melhor visão do doente. É difícil e doloroso para uma pessoa doente virar a cabeça da direita para a esquerda para conversar com as pessoas no quarto.

É importante que a cerimônia seja simples e curta. Após as saudações e introdução, o ministro deve perguntar ao doente se sabe haver alguma coisa em sua vida que impeça as bênçãos do Senhor. O pastor deve contar que ele já o visitou anteriormente e falou sobre o significado da unção e oração pelo doente. Será apropriado neste ponto ler as promessas da Bíblia em S. Tiago 5: 14-16.

Os pastores que acompanham o pastor então orarão. Estas orações devem ser curtas e apropriadas. Somos advertidos: "Ao orar pelos doentes, cumpre lembrar que 'não sabemos o que havemos de pedir como convém.' Rom. 8:26. Não sabemos se a bênção que desejamos será para o bem ou não. Portanto, nossas orações devem incluir este pensamento: 'Senhor, Tu conheces todo segredo da alma. Estás familiarizado com estas pessoas. Jesus, seu Advogado, deu a vida por elas. Seu amor por elas é maior do que é possível ser o nosso. Se, portanto, for para Tua glória e o bem dos aflitos, pedimos, em nome de Jesus, que sejam restituídos à saúde. Se não for da

Tua vontade que se restaurem, rogamos-Te que a Tua graça os conforte e a Tua presença os sustenha em seus sofrimentos.' " — *A Ciência do Bom Viver*, pp. 229 e 230.

A pessoa que faz a unção (geralmente o pastor) fará a oração final. Esta oração é muito séria. É-nos dito: "Nossas petições não devem ser uma ordem, mas intercessão para que Ele faça as coisas como desejar". — *Test. 2*, p. 149. "Foi-me mostrado que no caso de doença, onde há condição para oferecer a oração pelo doente, o caso deve ser levado ao Senhor, com calma e fé e não com excitação. Somente Ele está ao par da vida passada do indivíduo, e sabe qual será o seu futuro." — *Idem*, p. 147.

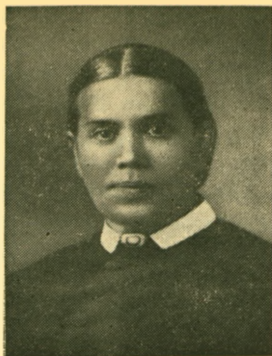
Perto do fim da oração, o ministro aplicará o óleo. Deve-se estar certo de que o óleo de oliva usado não está rançoso. Pode ser derramado levemente na testa perto da divisa do cabelo (apenas poucas gotas) e puxado com o dedo para ser colocado sobre a testa e as têmporas. Deve-se entender que não há propriedades curativas no óleo mas é um símbolo do Espírito Santo. — *Parábolas de Jesus*, pp. 406 e 407. Orando pelo doente, nós temos o poder do Espírito Santo para assistir na cura e conforto do doente.

É possível que os pastores se ajoelhem durante a oração; mas isto é possível apenas quando o doente se encontra numa cama baixa ou seja abaixada. Se a cama é alta e não pode ser abaixada então é melhor os pastores ficarem em pé. Muitas vezes é feita a pergunta se outros além dos pastores podem estar presentes no serviço de unção. Muitos ministros permitem ao cônjuge ou parente chegado, observar. Eles geralmente ficam do lado da cama, em frente aos pastores e ao pé da cama.

Os Resultados da Unção

A promessa à unção com óleo pelos pastores é: "E a oração da fé salvará o enfermo, e o Senhor o levantará; e, se houver cometido pecados, ser-lhe-ão perdoados." S. Tiago 5:15. O primeiro benefício de um serviço de unção é que o indivíduo aceita o perdão e as bênçãos de Deus. No processo de esquadriñar o coração, "Se ele cometeu pecados, eles lhe serão perdoados." É o privilégio do ministro apontar Cristo para o sofredor. A crise da doença pode dirigir alguém à real fonte de perdão. Muitas pes-

(Continua na pág. 15)



Ajuda na Vida Cotidiana

Ellen G. White

HÁ na vida tranqüila e conseqüente de um cristão puro e verdadeiro, uma eloqüência muito maior do que a eloqüência das palavras. O que o homem é tem mais influência do que o que ele diz.

Os emissários que foram enviados a Jesus voltaram dizendo que nunca homem algum falara como aquele Homem. Isto era porque jamais homem algum havia vivido como Ele vivia. Fosse Sua vida diferente do que era, e não teria falado como falava. Suas palavras levavam consigo poder de convicção, porque procediam de um coração puro e santo, cheio de amor e simpatia, de benevolência e verdade.

Nosso próprio caráter e experiência determinam nossa influência sobre os demais. Para convencer a outros do poder da graça de Cristo, temos de conhecer o poder desta graça em nosso coração e vida. O evangelho que apresentamos para salvação das almas deve ser o mesmo evangelho pelo qual nossa alma é salva. Só mediante fé viva em Cristo como Salvador pessoal podemos fazer sentir nossa influência num mundo cético. Se queremos tirar pecadores da corrente impetuosa, nossos pés precisam estar firmados na Rocha: Cristo Jesus.

O símbolo do cristianismo não é um sinal exterior, tampouco uma cruz ou uma coroa que se leva, mas sim o que revela a união do homem com Deus. Pelo poder da graça divina manifestada na transformação do caráter, o mundo há de convencer-se de que Deus enviou Seu Filho para que seja redentor do mundo. Nenhuma outra influência que se possa exercer sobre a alma humana tem tanto poder como a influência de uma vida de desprendimento. O mais forte argumento em favor do evangelho é um cristão amável.

A Disciplina da Prova

Levar vida semelhante, exercer semelhante influência, custa a cada passo esforço, sacrifício pessoal, disciplina. Muitos, por não compreenderem isto, se desanimam facilmente na vida cristã. Muitos que sinceramente consagram sua vida ao serviço de Deus, sofrem vexames e surpresa ao se verem, como nunca dantes, em face de obstáculos, provas e perplexidades. Pedem em

oração um caráter verdadeiramente cristão, e capacidade para a obra do Senhor, e logo se vêem em circunstâncias que parecem fazer todo o mal de sua natureza. Saem então a reluzir faltas de que não tinham eles mesmos a menor suspeita. Como o Israel do passado, eles se perguntam: “Se Deus é quem nos guia, por que nos sobre-vêm todas estas coisas?”

É porque Deus os conduz que tais coisas lhes sucedem. Provas e obstáculos são métodos de disciplina que o escolhe e condições que Ele assinala para o êxito. Aquele que lê o coração dos homens conhece-lhes o caráter melhor do que eles mesmos. Ele vê que alguns têm faculdades e habilidades que, bem dirigidas, podem ser aproveitadas no avançamento da causa de Deus. Em Sua providência Ele coloca estas pessoas em diferentes situações e variadas circunstâncias, para que possam descobrir em seu próprio caráter os defeitos que ficaram ocultos ao seu conhecimento. Dá-lhes oportunidade para corrigirem estes defeitos, e preparar-se para Seu serviço. Muitas vezes permite que o fogo das aflições os alcance a fim de purificá-los.

O fato de sermos chamados a sofrer provas mostra que o Senhor Jesus Cristo vê em nós algo precioso, que Ele quer desenvolver. Se nada visse em nós com que glorificar o Seu nome, não perderia tempo em nos purificar. Ele não lança pedras inúteis em Sua fornalha. O que Ele purifica é metal precioso. O ferreiro mete no fogo o ferro e o aço a fim de saber que espécie de metal são. O Senhor permite que Seus escolhidos passem pelo forno da aflição, para provar-lhes o caráter e saber se são próprios para Sua obra.

O oleiro toma o barro e o molda segundo sua vontade; amassa-o e trabalha-o. Despedaça-o e volta a amassá-lo. Umedece-o, e em seguida seca-se. Deixa-o depois descansar por algum tempo sem tocá-lo. Quando já está bem brando e manejável, retoma seu trabalho para fazer dele um vaso. Dá-lhe forma, compõe-no e o alisa ao redor. Põe-no ao sol para secar e o aquece ao forno. Assim volta a ser vaso útil. De igual modo o Grande Artífice deseja moldar-nos e formar-nos. E assim como é a argila nas mãos

do oleiro, somos nós nas mãos divinas. Não nos toca a nós procurar fazer a obra do oleiro. A parte que nos corresponde é a de nos submetemos ao trabalho do divino Artífice. [Citado I S. Pedro 4:12 e 13.]

Em plena luz do dia, e ao ouvir a música de outras vozes, o pássaro engaiolado não cantará o que o seu amor procura ensinar-lhe. Aprende um pouquinho disto, um trino daquilo, mas nunca uma melodia inteira e definida. Cubra o amo a gaiola, e ponha-a onde o pássaro não ouça mais do que o canto que tem de aprender. Na obscuridade ensaia e volta a ensaiar o canto até que o aprende, e prorrompe em perfeita melodia. Depois é o pássaro tirado da obscuridade, e poderá cantar sempre o mesmo canto à luz do dia. Assim trata Deus com seus filhos. Há um canto que nos quer ensinar, e quando o houvermos aprendido entre as sombras da aflição, podemos cantá-lo sempre depois.

Escolha de Deus na Obra de Nossa Vida

Muitos estão descontentes com sua vocação. Talvez não se ajustem ao que os rodeia. Enchem o tempo com algum trabalho vulgar, enquanto se julgam capazes de mais altas responsabilidades. Muitas vezes parece que seus esforços não são apreciados, ou que resultam estéreis. Seu porvir é incerto.

Tenhamos em mente que embora nossa obra possa não ser a que escolhemos, devemos aceitá-la como tendo sido escolhida para nós por Deus. Gostemos ou não, temos de cumprir o dever que nos é posto diante. “Tudo que vier à mão para fazer, faze-o segundo as tuas forças”. Ecles. 9:10.

Se é desejo do Senhor que levemos uma mensagem a Nínive, não será de Seu agrado que vamos a Jope ou a Cafarnaum. Razões tem para nos mandar ao ponto para o qual nossos pés foram encaminhados. Ali mesmo pode estar alguém que necessita da ajuda que lhe podemos dar. Aquele que mandou Filipe ao eunuco etíope, que mandou Pedro ao centurião romano, e a pequena israelita em auxílio de Naamã, o capitão sírio, manda hoje em dia também homens e mulheres e jovens como representantes Seus aos que necessitam ajuda e direção divinas.

"Eu Sou Jeová; Este é o Meu Nome"

ISAÍAS 42:8

Ricardo Cabero

JEOVÁ é o título divino mais comum no Antigo Testamento, sendo repetido em suas páginas cerca de 6.800 vezes. A forma atual da grafia "Jeová" é uma transliteração conjetural do tetragrama hebreu *YHWH* (Yahweh), ou "Ya'we"), e se baseia numa vocalização errônea.(1)

1. Dos Soferins aos Massoretas

Após o exílio babilônico e o restabelecimento de um Estado judeu na Palestina, uma das primeiras atividades empreendidas pelos escribas judeus foi a preservação, cuidado e manejo do texto hebreu de seu livro sagrado. Estes escritos foram chamados *soferins*, e ganharam a existência como um grupo reconhecido do corpo político desde a época de Esdras e daí para a frente. Ver Esdras 7:6, 11, 12; Nee. 8:1, 4, 9, 13; 12:26, 36.

Sua atividade consistia na transcrição do texto das Escrituras, em sua comparação ou cotejo com os manuscritos existentes, na coleta de material variante dentre aqueles que não podiam ser escolhidos em definitivo após minucioso estudo de seu texto, até o ponto de chegar a determinar o número de consoantes e de palavras contidas em cada livro das Escrituras, e por último, em seguir as indicações de ajuda que haviam recebido desde muito antes referentes à pronúncia, segundo o aspecto consonântico de cada palavra. (2) Devemos recordar que a escrita hebraica tinha somente consoantes e não havia nenhuma indicação escrita sobre os valores vocálicos, que deviam acompanhar essas consoantes. Estes valores vocálicos,

que eram transmitidos oralmente pelos judeus, foram olvidados pouco a pouco ao entrar o hebraico numa etapa de declinação e desuso, em virtude de fatores históricos que seria longo enumerar.

Paralelamente aos *soferins* da Palestina, havia em Babilônia, entre as comunidades judias que não abandonaram esse país, um grupo de escribas dedicados ao mesmo propósito que seus irmãos palestinos. Do trabalho destas duas escolas surgiram dois grupos separados de comentários e esclarecimentos do texto das Escrituras, conhecidos com o nome de *massora*. (3)

Como é de supor, a escola babilônica foi a mais progressista, ao passo que a palestínica foi a mais conservadora. Em Babilônia e pela primeira vez na história do texto bíblico e do hebraico escrito, criou-se um sistema para indicar os valores vocálicos que deviam atribuir às diversas consoantes do texto das Escrituras. Este primitivo sistema foi revolucionando desde um simples arranjo a outro mais complexo de sinais supralineais compostos. Desta maneira os escribas judeus de Babilônia conseguiram incorporar de forma visual mais permanente as tradições e interpretações que até então tinham de ser conservadas em anotações ou em listas separadas ou então transmitidas oralmente. (4)

Por volta do ano 750 de nossa era mudou a situação política tanto em Babilônia como na Palestina, e isto trouxe o eclipse da atividade criadora de seus eruditos pelo espaço de uns seis séculos. Entrementes, surgia em Tiberíades, Palestina, outro grupo de eruditos, aos quais se denominou *massoretas*. Eles compuseram de novo a vocalização, a acentuação e a *massora* da Bíblia, incluindo a divisão das Escrituras em capítulos e versículos, para facilitar o encontro das passagens. (5)

Entre as muitas características desta escola *massorética*, estava o uso dos *participios aramaicos*: o *qere* e o *ketib*, usados como nota de chamada ou recomendação para a leitura de palavras bíblicas. O *ketib*, que significa "escrito", assinala o texto consonântico que os pontuadores da *massora* empregaram, considerando-se invioláveis porque representam uma antiga tradição. O *qere*, que significa "lido", com o sentido de "leia-se", indica a substituição oral de uma palavra por outra sem alteração substancial do texto escrito. A atenção do leitor se

guia à margem por meio de um pequeno círculo como se fora um asterisco (circellus massorethicus) que se coloca acima do ketib. Em alguns casos de vocábulos variantes muito freqüentes, por motivo de economia o qere não era assinalado na margem. Este era o “*qere perpétuo*”. O mais comum era o tetragrama do nome de Deus: YHWH, que era considerado inefável pelo escrúpulo supersticioso dos hebreus em pronunciá-lo. Para evitar que alguém o profanasse pronunciando-o, acrescentam a ele as vogais *a, o, a*, da palavra *Adonai* (Senhor). Isto se tornou tão comum que já não era necessário colocar à margem as consoantes da leitura desejada. Deste modo as vogais postas no tetragrama obrigavam o leitor a dizer em seguida *Adonai*. (6)

Visto que este princípio não foi entendido completamente pelos cristãos quando aprenderam a usar a Bíblia hebraica nos primeiros tempos da Reforma, o nome divino foi transliterado como Jeová, sendo deste modo pronunciado até hoje. Não sabemos quais eram os verdadeiros sons que davam ao tetragrama, mas supõe-se, por sua etimologia, que a forma original devia ser *Yahweh*.

2. “Eu Sou o que Sou”

O nome de Jeová (Yahwe) ou, pelo menos, seu significado segundo Êxo. 3:14 e 15, foi revelado a Moisés quando Deus lhe apareceu na sarça ardente. Em tal caso explicase como uma forma de verbo “ser”, pois se combina com a conjugação “Eu sou”, nas palavras divinas “Eu Sou o que Sou”. Por tanto designa a Deus como “Aquele que é”. Como se nota no *SDABC*: “Tem havido grande divergência entre os eruditos a respeito da origem, pronúncia e significado da palavra YHWH. Provavelmente YHWH é uma forma do verbo hebraico ‘ser’, e neste caso significa ‘O Eterno’, ou ‘O que existe por Si mesmo’”.(7)

Devemos notar que os nomes que na Bíblia se atribuem a Deus não são descritivos de Sua natureza divina, mas apelativos, pondo em relevo algum aspecto da personalidade de Deus. O conceito “Deus” declara a natureza divina em si mesma; o Ser supremo rodeado de Seus atributos, especialmente o de Sua auto-existência necessária. “Deus”, o Onipotente em fazer, o Imenso sem espaço, o Onisciente em Seu desígnio, o Infinito sem número, o Onipresente em Sua obra, o Eterno sem tempo, o Único verdadeiro e o Imu-

tável Justo. “Deus” fora do homem e dentro de Sua própria glória. (8)

No entanto o conceito do título “Jeová” (Yahwe) nos dá esse mesmo Deus, mas revelado ou manifesto. “Falou ainda Deus a Moisés, dizendo: Eu sou Jeová. E apareci a Abraão, a Isaque e a Jacó como o Senhor, mas pelo Meu nome, *Jeová*”, fui um Deus comunicado ao homem nos caminhos da misericórdia e do amor. Jeová o Bom, o Santo, o Amigo. “Um Deus no meio de Seu povo”, porque Se fez sentir por Sua singular presença.

À medida que folheamos as páginas da Bíblia distinguimos a maneira íntima em que Deus, como Jeová, Se manifestou a Seu povo. Nos *Salmos* Ele Se nos apresenta como um Ser manso e amável: “Jeová é meu Pastor”. Sal. 23:1. Como refúgio e amparo e segurança: “Jeová é o meu Rochedo, e o meu lugar forte, e o meu libertador”. Sal. 18:2. Como justo vingador do ímpio: “Exalta-Te, Tu, que és Juiz da Terra; dá a paga aos soberbos”. Sal. 94:2. Como digno de toda reverência: “Louvem o Teu nome, grande e tremendo, pois és santo”. Sal. 99:3. Como segura proteção: “Tu és o meu Refúgio e o meu escudo”. Sal. 119:114. Como fonte de companheirismo e ajuda: “Converttei-vos, filhos rebeldes, diz Jeová, porque Eu sou vosso esposo”. (Jer. 3:14; 31:32; Isa. 54:5), etc.

3. Jeová é Único

Sendo então que o Deus Jeová ocupa um lugar destacado na economia ou organização do Velho Testamento, por que então não se encontra a palavra Jeová no Novo Testamento? Respondemos dizendo que Cristo era a epifania ou manifestação desse Deus Jeová em carne. “Foi Cristo quem falou a Moisés na sarça ardente, dizendo: ‘Eu Sou o que Sou’. . . . ‘Assim dirás aos filhos de Israel: Eu Sou me enviou a vós’. Tal era a garantia da libertação de Israel. Assim mesmo, quando veio em semelhança de homens, Ele Se declarou o ‘Eu Sou’. O Infante de Belém, o manso e humilde Salvador, é Deus, ‘manifestado na carne’. E a nós Ele nos diz: ‘Eu Sou o bom Pastor’. ‘Eu Sou o Pão Vivo’. ‘Eu Sou o Caminho, a verdade e a vida’. ‘É-Me dado todo o poder no Céu e na Terra’. ‘Eu Sou a segurança de toda promessa’. ‘Eu Sou, não tendais medo’. ‘Deus conosco’ é a segurança de nossa libertação do pecado, a garantia para obediência à lei do Céu”.(9)

É notável comprovar como todos os escritores do Novo Testamento aplicam a Cristo textos que no Antigo Testamento se referem a Jeová, o único Deus. Os primitivos cristãos não podiam senão ver este fato em Cristo, pois as profecias milenárias se tornavam claras à luz de Sua vida e obras. Para eles Cristo era a manifestação visível de Jeová. Daí que, à luz deste fato, as palavras de Cristo: “Quem Me vê a Mim vê o Pai” (S. João 14:9) adquirem maior vigor e significado.

Todavia, a manifestação transcendental sobre a Divindade é a afirmação de pluralidade de pessoas numa mesma essência. E, conquanto no Antigo Testamento este fato permaneça um tanto obscuro, nem por isto deixa de vislumbrar-se esta grande verdade através de toda a Escritura. Com efeito, é interessante ver como se aplica a visão profética de Isaías sobre a glória de Jeová, a Cristo, com as seguintes palavras: “Isaías disse isto, quando viu a Sua glória e falou dEle”. S. João 12:41. Paulo esclarece que foi o Espírito Santo quem deu a mensagem que Isaías ouviu proveniente de Jeová: “Bem falou o Espírito Santo por intermédio de Isaías a nossos pais, dizendo (cita Atos 28: 25-27) (10) Muitos autores vêem que na mesma visão de Isaías se assinala esta verdade gloriosa acerca da pluralidade de pessoas da Divindade, no triságio: “Santo, Santo, Santo, é o Senhor Deus Todo-poderoso”. Isa. 6:3.(11)

Em Deut. 6:4 encontramos estas palavras notáveis que constituem a mais admirável revelação sobre Jeová: “Ouve, ó Israel: Jeová nosso Deus é o único Deus”. Neste texto a palavra “Único” *erade*, e este termo não indica unidade absoluta, mas unidade composta. Em hebraico usam-se duas palavras para indicar o significado de *único*: para indicar unidade absoluta usa-se *yaride* (conf. S. João 11:34). E é interessante como este termo nunca é usado em referência à unidade divina. Por outro lado, quando duas ou mais coisas se convertem tem uma unidade mediante íntima associação, o vocábulo hebraico que se emprega é *erade* (conf. Gên. 2:24; Juízes 20:8). Esta palavra é a que sempre se usa designar a unidade divina. (12) Portanto, nosso texto, com esta palavra literalmente vertida do original hebraico, ficaria assim: “Ouve, ó Israel: Jeová nosso Deus, é Jeová *único composto*”.

O batismo de Cristo foi a primeira mani-

festação solene desta unidade composta da Divindade. O Pai Se manifesta pela voz que desce do Céu, o Filho em Jesus, e o Espírito no símbolo da pomba (S. Mat. 3:16 e 17).

Apesar das distinções de personalidade que se fazem nas Escrituras ao se falar na Divindade, há um só Deus. Como se pode distinguir pessoalmente o Pai, o Filho e o Espírito Santo, e, todavia, ser uma só Pessoa, não está revelado ao homem, e para este é incompreensível. Não temos base para comparar este fato com coisa alguma que conheçamos. “As coisas reveladas são para nós e para os nossos filhos, mas as não reveladas são para o Senhor nosso Deus”. Deut. 29: 29. A revelação que de Si mesmo Deus tem feito em Sua Palavra é para nosso estudo. Isto podemos procurar entender. Mas além daí não podemos ir. O mais agudo intelecto pode submeter-se a tremendo esforço até o esgotamento em conjecturas sobre a natureza de Deus; mas esse esforço será infrutífero. Este problema não foi entregue ao homem para que o resolva. Não há mente humana que possa compreender a Deus. O homem finito não deve tentar interpretá-Lo. Não nos permitamos especular sobre Sua natureza. “Aqui o silêncio é eloquência. O Ser Infinito está acima de qualquer discussão”. (13)

4. Sobrenomes Bíblicos de Jeová

As dramáticas circunstâncias e os solenes acontecimentos na vida de Israel, como nenhum outro povo teve, deram memoráveis sobrenomes qualificativos de gratidão, honra, admiração e glória ao santíssimo nome de Jeová. Citemos como exemplo os seguintes:

Jeová-Jiré: Expressão que quer dizer: “O Senhor proverá”, sendo a resposta de Abraão a Isaque, quando este perguntou pelo cordeiro que iriam sacrificar no Monte Moriá. (Gên. 22:8 e 14.)

Jeová-Ropecá: Em seu peregrinar pelo deserto, Israel encontra água, porém não potável; era amarga e malsã. Lança ao Céu sua dolorosa queixa a Deus, e o Senhor, cheio de piedade, conjura a aflição do inóspito deserto e lhes diz: “*Jeová Ropecá*”, ou “Jeová o sarador”. (Êxo. 15:26.)

Jeová-Nissi: Ao toque de marcha das trombetas e o airoso flandar dos pendões, há uma ressonância de vitória sobre os amalequitas, e Moisés lança o brado de triunfo: “Jeová-Nissi!” ou “Jeová é minha Bandeira”. (Êxo. 17:15.)

Jeová-Mecadeshe: A revelação divina se fez para redimir o homem e para guiá-lo pelos seguros caminhos de santidade e justiça à luz e amparo de Seus Mandamentos. Enquanto lhes recorda sua obrigação de guardar o sábado, lhes diz: “*Jeová-Mecadeshe*”, ou “Jeová que vos santifica”. (Êxo. 31:13.)

Jeová-Shalom: Em face do chamado divino Gideão decide fazer um sacrifício a Jeová como expressão de gratidão e confiança por haver entrado em concerto com Deus. Depois de ter visto a Jeová “face a face”, ele exclama: “*Jeová Shalom*”, ou “Jeová é paz”. (Juízes 6:18-24.)

Jeová Ro'i: Em face da concepção que alguns têm de Jeová como um Deus terrível e vingador, surge com nitidez o conceito Veterotestamentário de um Deus amigo, cheio de bondade e de ternura, zeloso de nosso bem e prosperidade, sob a mais cativante figura do amor: “*Jeová-Ro'i*” ou “Jeová é meu Pastor”. (Sal. 23:1.)

Jeová-Shamá: Deus iria morar com Seu povo, e João nos diz que “o Verbo Se fez carne e habitou entre nós”. Na Nova Terra estará “o tabernáculo de Deus com os homens ... e Deus estará com eles, e eles serão Seu povo”. Daí então: “*Jeová-Shamá*”, ou “Jeová está aqui”. (Êxo. 48:35; Zac. 2:10; Apoc. 21:3; 22:3.)

Jeová-Sabaó: As portas eternas se abriram para deixar passar o Salvador, com Sua escolta de anjos e a multidão de remidos libertados por ocasião de Sua ressurreição. Ante a pergunta das hostes celestiais: “Quem é este Rei da glória?” a resposta do séquito real de Cristo é: “*Jeová-Sabaó*”, ou Jeová dos Exércitos é Seu nome. Ele é o Rei da glória”. (Sal. 24:7-10. (14)

“Jeová, esse é Meu nome”. Sim, Moisés teve que despojar-se de seus sapatos e pôr-se de joelhos antes de ouvir este nome sagrado, e o profeta do triságio glorioso teve de calcinar seus lábios impuros com o fogo da pureza. Os escribas, ao copiar nome tão santo, se purificavam, lavavam as mãos e trocavam de instrumento de escrita. Quão diferente é a conduta de muitos que pronunciam esse nome sem piedade nem reverência, algo assim como uma expressão gramatical do momento: uma palavra sem luz, sem harmonia e sem vida; um coração sem pulsação, um amor sem fogo e uma voz sem bênção. Todavia, há um grupo em cujos lábios esse nome é mel e esperança, promessa e felicidade, galardão e glória. Davi pede que todos

confiem em tão sublime vocábulo: “Bendigam todos o Seu santo nome eternamente e para sempre”. Sal. 145:21. E o vidente de Patmos nos anuncia a recompensa de tão doce louvor: “E verão o Seu rosto, e o Seu nome estará em suas testas”. Apoc. 22:4.

“Não a nós, Senhor, não a nós, mas ao Teu nome dá glória, por Tua misericórdia e por Tua verdade”. Sal. 115:1. Tal foi o espírito que saturava o canto de libertação de Israel, e é o espírito que deve habitar no coração dos que amam e temem a Deus. ...

“Todos os habitantes do Céu se unem para louvar a Deus. Aprendamos o canto dos anjos agora, para que possamos cantá-lo quando nos unirmos a suas hostes resplandecentes. Digamos com o salmista: ‘Louvarei ao Senhor em toda a minha vida; cantarei salmos ao meu Deus enquanto viver’. Sal. 146:2. Louvem-Te, oh Deus, os povos; louvem-Te os povos todos’. Sal. 67:5”. (15)

1. S. H. Horn, em *BC*, pp. 1161, 1162.
2. J. A. G. Larraya, em *Enciclopedia de la Biblia*, 1963, cols. 111-117.
3. Chama-se massora ao estudo dos textos bíblicos feitos por eruditos judeus, os quais se agrupam hoje em três escolas principais: Babilônia, Palestina e Tiberíades. A massora babilônica consistia em comentários, esclarecimentos, variantes e anotações colocadas à margem direita ou esquerda do texto hebreu. A massora palestínica era formada por duas partes principais, chamadas *parva* e *magna*, ou massora marginal, para distingui-las da massora final, que é a coleta de todo o material massorético ordenado alfabeticamente, e que aparece no final das escritas rabínicas. ... — M. Martin, em *Ed1 B IV*, cols. 1348, 1349.
4. P. Kahle, em *The Schweich Lectures for 1947*, 51-184.
5. F. D. Nichol, em *1 BC*, pp. 34-36.
6. Guilherme Kerr, *Gramática Elementar da Língua Hebraica*, 1948, pp. 90, 91.
7. *1 BC*, p. 172.
8. P. Heinisch, *Teologia del Antiguo Testamento*, pp. 51-109; S. H. Horn, *op. cit.*, 406, 407; J. Precedo, em *Ed1 B*, cols. 946-951.
9. EGW, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 16.
10. Convidamos o leitor a comparar os seguintes passos bíblicos, e notar como o título Jeová é aplicado ao Espírito Santo: Sal. 41:9; Atos 1:16; Jer. 31:33, 34; Heb. 10:15, 16; 3:7-9; Sal. 95:1, 6-11; S. Lucas 1:67; Atos 3:18-21; 5:3, 4.
11. F. Prat, *La Theologie de Saint Paul*, p. 158; J. Lebreton, *Histoire du Dogma de la Trinité*, p. 269; J. Kelly, *Early Christian Creeds*, 4 *BC*, pp. 127-129.
12. A. Ramirez, *Nociones de Gramatica Hebrea y Crestomatic Biblica*, pp. 85-90; J. Lebreton, *op. cit.*, pp. 138-180.
13. EGW, 8 *T*, p. 279.
14. EGW, *Primeiros Escritos*, pp. 190, 191.
15. EGW, *Patriarcas e Profetas*, pp. 293, 294.

Andrews University Confere ao Pastor Enoch de Oliveira o Título Honorífico de Doutor em Divindade

NA formatura da primavera no dia 8 de junho a Universidade Adventista Andrews conferiu ao Pastor Enoch de Oliveira o título honorífico de Doutor em Divindade.

A bandeira verde-amarela colocada em posição de destaque na frente da Igreja dos Pioneiros indicava uma homenagem especial a um representante do Brasil nas festividades da Formatura.

Segundo as palavras do Dr. Humberto Rassi, o Pastor Enoch é o primeiro legítimo Sul-Americano a receber uma tal deferência da Universidade Andrews.

O sermão do sábado de manhã foi pregado pelo Pastor Enoch, e momentos antes de o Dr. Richard Hammill conferir-lhe o título, o Dr. Rassi apresentou a seguinte folha de serviços prestados à Igreja:

“O candidato que eu apresento para receber o título honorífico da Andrews University, Presidente Hammill, é o Pastor Enoch de Oliveira, secretário da Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Sua distinguida carreira composta de 29 anos frutíferos como pregador, evangelista, escritor e líder cristão, tem influenciado milhares de vidas na crescente área da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Brasileiro de nascimento, o Pastor Oliveira revelou cedo um acentuado interesse em realizações intelectuais e uma firme devoção à causa da redenção espiritual dos homens.

Graduado no Colégio de São Paulo em 1945, subseqüentemente recebeu o título de Professor de Educação da Universidade do Paraná, onde escreveu uma tese intitulada “Educação sob o Controle do Estado”; e o mestrado em Religião e bacharel em Divindade com especialização em Teologia Sistemática, ambos da Universidade Adventista Andrews.

Ao mesmo tempo, seu serviço para a Igreja tem crescido, depois de entrar no ministério em 1946.

Como pastor de algumas das grandes Igrejas do Brasil, e como eloqüente pregador em bem sucedidas campanhas evangelísticas, o Pastor Oliveira tem guiado centenas de pessoas a uma total entrega a Jesus Cristo.

Os talentos do Pastor Oliveira e experiência nessa área o indicaram ao cargo de Diretor da Associação Ministerial, primeiramente na União Este-Brasileira, e em 1959 a Divisão Sul-Americana para seus oito países componentes.

Durante 12 anos foi editor da revista *O Ministério* em castelhano e português, provendo orientação e conselho, através de freqüentes artigos e editoriais, para 5.000 ministros que participam da obra de ganhar almas naquele grande Campo.

Em resposta a específicas tendências e necessidades, também preparou várias teses em assuntos relacionados com a Igreja, entre eles dois substanciais estudos em Inglês intitulados

O Serviço da . . .

(Continuação da pág. 7)

soas no hospital têm sido levadas a uma completa experiência em Cristo.

O interesse de muitas pessoas é a cura física. Pode realizar-se uma cura? Há muitos que podem testificar afirmativamente. O ministro deve compreender que nem todos os casos são semelhantes no cumprimento da promessa “E o Senhor o levantará.” Alguns são curados instantaneamente, outros são curados após um período de tempo e alguns descansam no túmulo para “ressuscitarem” na ressurreição.

A inspiração declara: “Todos desejamos uma resposta imediata às nossas orações, e somos tentados a desanimar-nos se a nossa súplica não é prontamente respondida. Todavia, minha experiência me tem ensinado que isto é um grande erro. A demora visa o nosso proveito especial. Temos a oportunidade de verificar se nossa fé é verdadeira e sincera, ou se inconstante como as ondas do mar. Devemos cingir-nos ao altar com as potentes cordas da fé e do amor, e permitir que a paciência realize a sua obra perfeita. A fé torna-se forte por meio do contínuo exercício.” — *Conselhos Sobre Saúde*, pp. 380 e 381.

Algumas pessoas descansam na tumba até a ressurreição. “Casos há em que o Senhor opera decididamente por Seu divino poder na restauração da saúde. Mas nem todos os doentes são sarados. Muitos são postos a dormir em Jesus. João, na ilha de Patmos, foi mandado escrever: ‘Bem-aventurados os mortos que desde agora morrem no Senhor. Sim, diz o Espírito, para que descansem dos seus trabalhos, e as suas obras os sigam’. Apoc. 14:13. Vemos por aí que, se as pessoas não forem restituídas à saúde, não devem ser por isso, consideradas como faltas de fé.” — *A Ciência do Bom Viver*, p. 230.

Há poder na oração e é um privilégio real para o ministro do evangelho conduzir o doente grave a olhar para Jesus, o grande Médico. Quão emocionante são as palavras: “Muito pode, por sua eficácia, a súplica do justo.” S. Tiago 5:16 ú. p. — *Charles M. Mellor*.

Joel Sarli

dos: “Liberdade Religiosa na América do Sul” e “O Fenômeno da Glossolalia e a Resposta da Igreja Adventista do Sétimo Dia”.

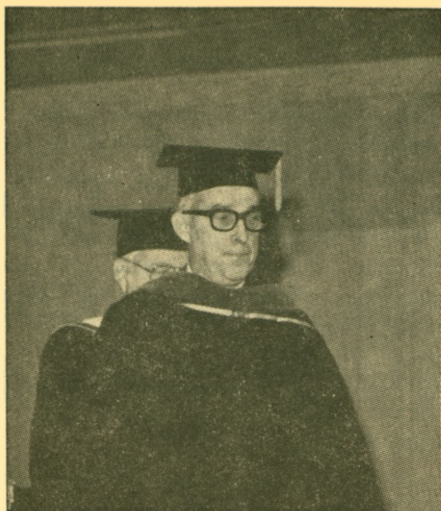
Desde 1970, o Pastor Oliveira tem servido como secretário da Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia que com seus 340.000 membros, alinha-se entre as primeiras Divisões em número de membros e em crescimento.

Presentemente ele é o presidente da Mesa Administrativa da Casa Publicadora Brasileira, a maior Casa Publicadora de nossa denominação fora dos Estados Unidos da América do Norte, sendo também presidente da Comissão Editorial, que está preparando o Comentário Bíblico Adventista para ser publicado em espanhol.

Aqueles que conhecem o Pastor Oliveira melhor, o admiram por sua ampla visão, seu dinamismo, sua amabilidade e sua total consagração à Causa que ama.

Em reconhecimento à significativa realização do candidato e suas valiosas contribuições como evangelista, escritor, e líder da Igreja, o Corpo Docente da Universidade Andrews recomendou conferir-se a Enoch de Oliveira o título, Doctor of Divinity, honoris causa!”

A Igreja Adventista do Sétimo Dia na América do Sul congratula-se com o Pastor Enoch e deseja-lhe prósperos anos de ministério como instrumento nas mãos de Deus, para a glória de Sua Causa.



A Maior Procura

Dr. Enoch de Oliveira

Presidente da Divisão Sul-Americana

(Sermão de Formatura Pronunciado na
Andrews University em 7 de junho de 1975)

Presidente Hammill
Membros da Faculdade
Formandos de 1975

Aceitei o convite para participar das alegrias e emoções deste programa de formatura, como uma homenagem desta Universidade à lealdade e dedicação dos ministros da América do Sul aos ideais da mensagem adventista do sétimo dia. Este maravilhoso exército de pregadores da bendita mensagem na América do Sul, está representado pelo orador desta manhã.

Formandos, há muitas maneiras de dizer adeus. Com um gesto da mão a um amigo que passa; com um sorriso expressando apreciação, afeição e amor; com os olhos, quando as palavras são impossíveis e desne-

cessárias. Mas o adeus que dizeis a este *campus* não é um adeus com mãos, com os lábios ou com os olhos. É um adeus com o coração. Um adeus que brota do profundo da alma e se derrama em reconhecimento, em gratidão e amor.

Estou certo de que dizeis adeus a vossos professores e colegas com um cordial aperto de mão; com sorrisos que procuram externar felicidade, e com palavras que são quase insuficientes para dissimular a tristeza e a emoção do adeus.

Mas é com o coração que dizeis adeus à *Andrews University*, onde tendes vivido parte de vossa vida, um período de vossa radiante e promissora existência. É com o coração que vos despedis de companheiros com quem tendes partilhado horas felizes e venturosas. É com o coração que ireis dizer adeus a professores que, com eficiência e dedicação, guiaram vossos passos.

Deixamos um pouco de nós mesmos em todo lugar por onde passamos. Neste recinto onde permanecemos por poucas horas, deixamos, talvez, em cada canto, uma recordação que nos deixa um pouco mais velhos. Numa deslumbrante cena pintada pela Natureza durante uma inesquecível viagem; na interpretação de uma peça musical que nos faz vibrar com profunda emoção; sim, em tudo e em todo lugar deixamos um pouco de nós mesmos.

Dentro de poucas horas estareis deixando esta Universidade para dardes início a uma nova vida, mas nas classes de aula desta instituição uma parte de vós, um fragmento de vossa existência, permanecerá. Talvez alguns de vós não possam no momento avaliar o que isto representa. Dia virá, no entanto, em que estas paredes, estas janelas, este coral, esta capela, estes arredores e edifícios serão para vós uma lembrança sagrada e terna.

Hoje, entretanto, podeis sentir que o adeus que dais a este *campus*, aos vossos colegas e professores, não é um adeus de indiferença, mas de profunda emoção, o adeus de um coração pleno de gratidão e reconhecimento por tudo que tendes recebido aqui.

Hoje, este dia de solene festividade é, portanto, para cada um de vós, um dia de mistos sentimentos, dia de tristeza, de alegria e de esperança.

Eu trairia minha consciência e o mandato que recebi de vossa faculdade se tão-

somente enaltecesse vossos sentimentos durante esta hora, sem mencionar os grandes problemas que perturbam o mundo em nossos dias. Começais um novo estágio de vida num momento em que o mundo enfrenta a crise dos séculos. O tempo em que vivemos é dos mais tenebrosos da História. Nações e continentes estão ameaçados pelo holocausto atômico. Nuvens carregadas de tormenta cobrem o horizonte das esperanças humanas. Recuso-me a dar a este sermão uma conotação apocalíptica. Não desejo que minhas palavras sejam como a mão sobrenatural que no festim de Belsazar escreveu as misteriosas palavras que selaram a ruína e a queda de um grande império. Mas eu seria insincero e até mesmo incoerente se nesta hora de apreensões e temores vos falasse tão-somente das alegrias da vida, anunciando “paz e segurança”.

As seguintes palavras são transcritas da inspiração:

“Estamos no limiar da crise dos séculos. Em rápida sucessão os juízos de Deus se seguirão uns aos outros — fogo, inundações e terremotos, com guerra e derramamento de sangue. Não nos devemos ser surpreendidos neste tempo por eventos a um tempo grandes e decisivos; pois o anjo de misericórdia não pode ficar muito tempo mais a proteger os impenitentes”. — *Profetas e Reis*, p. 278.

“As transgressões quase já alcançaram o seu limite. A confusão enche o mundo, e um grande terror logo deverá sobrevir aos seres humanos. O fim está muito próximo. Os que conhecemos a verdade devemos estar nos preparando para o que logo desabará sobre o mundo como esmagadora surpresa”. — 8 T, p. 28.

Haveria necessidade de eu sublinhar a exatidão dessas predições? A massa média do povo é acumulada cada dia com notícias que descrevem as feridas morais de uma sociedade corrupta e pervertida. Há ódio concentrado no coração humano. Há flamas do mal devorando as almas. Há um vendaval de insanidades sacudindo os fundamentos de nossa estrutura social. Uma nova geração com sua surpreendente rebelião contra o *status quo*, com sua incompreensível revolta contra a ordem existente, está agora desafiando algumas das instituições mais tradicionais como o lar, a escola,

a igreja, a sociedade e os tribunais. Com efeito, esta é uma hora de crise.

Tendes perante vossa consciência, formando, nesta hora de crise, um solene dever a cumprir e uma grande tarefa a desempenhar. Não tendes o direito de serdes inúteis. Não tendes o direito de viver somente para o que é trivial, fútil, banal. Não tendes o direito de encher vossa existência com inutilidades inventadas apenas para satisfazerem uma existência ociosa. Deveis viver para a glória de Deus e o bem da humanidade.

Que mensagem poderia eu deixar convosco hoje? No livro de Atos, cap. 13, verso 22, lemos o seguinte: “Achei a Davi, filho de Jessé, homem segundo o Meu coração, o qual fará toda a Minha vontade”. Este texto sugere a idéia de Deus procurando por um homem que promovesse os Seus planos relacionados com Israel. O reino não estava consolidado. Pairando sobre Israel estava a ameaçadora sombra da desintegração nacional. As nações vizinhas estavam se tornando mais poderosas, os corruptos costumes de Israel conspiravam contra os planos de Deus.

Saul, o primeiro rei nacional, havia falhado como estadista e guia espiritual do reino. Impelido por impulsos neuróticos, torturado por paixões tempestuosas, ele se afastou de Deus, precipitando o fim de sua vida de modo dramático.

Era necessário agora eleger outro rei, mais leal, mais fiel e temente a Deus. Entre os milhões de Israel e os milhares de Judá, Deus encontrou um homem, desconhecido pastor e humilde harpista, nas verdejantes montanhas de Belém, cuidando do rebanho de seu pai. Exultante, Deus exclamou: “Achei a Davi . . .”!

Através dos séculos Deus tem estado a procurar homens. Um dia, faz muito tempo já, Ele procurava um homem que estabelecesse o Seu povo peculiar, e em Ur dos caldeus, ao sul de Babilônia, Ele encontrou a Abraão. O Livro inspirado nos diz que Abraão, o pai de uma grande nação, satisfizesse completamente aos desejos, propósitos e ideais de Jeová.

Tempos depois, ao procurar um homem que organizasse o Seu povo em nação, que lhe desse leis e o conduzisse à terra prometida, nos pacíficos e majestosos arredores de Midiã Ele encontrou a Moisés. Embora de palavra difícil e pesado de língua, Moi-

sés realizou uma poderosa obra como líder de Deus num tempo de provas e de dificuldades para Israel.

Nos dias da igreja primitiva, Deus buscava um homem que fizesse chegar ao povo do mundo mediterrâneo o poder redentor de Cristo, um homem que apresentasse a mensagem do Calvário perante reis e imperadores, e de um modo absolutamente incomum encontrou na poenta estrada de Damasco a Paulo — o apóstolo das nações. Depois da experiência de Damasco, “Cristo, e Este crucificado” tornou-Se a absorvente paixão de sua vida. Humberto Rhoden, numa impressionante afirmação a respeito de Paulo, diz:

“Paulo foi um livro que só falava de Cristo. Foi uma flama que ardia apenas por Cristo. Foi um gênio que só pensava em Cristo. Foi um homem com uma vontade que só desejava a Cristo. Foi um soldado que só lutava por Cristo. Foi uma alma que só vivia para Cristo, por Cristo e através de Cristo”.

Sim, ao longo de todos os séculos, Deus tem estado a procurar homens. E os anos passaram nesta irreversível sucessão de dias e noites, e sobre o mundo desceu a longa noite da apostasia medieval. E Deus estava procurando um homem que dissipasse as sombras dessa era tenebrosa, e achou a Lutero, piedoso monge agostiniano. Com sua voz ousada e eloqüente e com poderosas e persuasivas pregações, Lutero perturbou papas e cardeais, reis e imperadores, Estados e continentes. Pregando a mensagem de justiça pela fé, ele sacudiu pelos fundamentos a poderosa estrutura da escolástico-medieval, mudando a corrente da História.

Mais tarde, ao buscar um homem para restaurar na igreja cristã a obra missionária em terras pagãs, encontrou no interior de humilde oficina de sapateiro a Guilherme Carey, um dos maiores milagres de Deus na fascinante história das missões.

“Achei a Davi”, disse o Senhor com radiante júbilo.

Aproximava-se o fim do mais longo período profético registrado na Bíblia, os 2.300 dias, e Deus estava a procura de um homem que proclamasse com poder, convicção e fervor, a mensagem do primeiro anjo, preparando o caminho para o início do movimento adventista. E um dia, posso

imaginar a Deus dizendo: “Achei a Guilherme Miller”. Após liderar um notável reavivamento e levar a cabo uma das maiores campanhas evangelísticas nesta nação, e depois de haver passado pela triste experiência de 1844, ele foi para o repouso. Segundo a inspiração, os anjos de Deus guardam sua tumba.

Como resultado do reavivamento dirigido por Miller, e em harmonia com a providência divina, a igreja adventista veio à existência. E Deus procurava um mensageiro que desse liderança a Sua igreja e conduzisse o Seu povo em tempos de crise e de dificuldades. Surpreendentemente Ele encontrou uma jovem adolescente — Ellen Harmon. Quão maravilhoso foi o seu ministério! Durante 71 anos como testemunha da verdade e da justiça, ela esteve ante este movimento como uma “torre e fortaleza”, guiando e protegendo esta igreja contra a heresia, a confusão, a desconfiança, incredulidade e fanatismo. Deus procurava um homem, e encontrou uma jovem.

A igreja adventista, em seu período de formação, e com a bênção de Deus, estava crescendo, mas limitada às fronteiras desta nação. O desafio de pregar o evangelho do reino em todo o mundo não fora levado em conta por alguns líderes naqueles dias. Mas Deus estava procurando um homem capaz para iniciar a obra em terras missionárias, e encontrou a John Nevins Andrews, o mais habilitado nesta denominação naqueles dias. E com Andrews, esta igreja começou a sofrer de uma incurável doença, uma aguda “febre de mar”. Daí para cá, nossos missionários têm estado a cruzar os oceanos, dando a esta igreja uma impressionante dimensão mundial.

Um dia Deus procurava um homem para iluminar as selvas do Amazonas, o “Inferno Verde” da América do Sul, e achou neste país a Léo Halliwell e sua esposa. Estimulados por um vigoroso sentido de missão, eles realizaram notável obra que a poeira do tempo jamais cobrirá. Tão notável foi sua atividade que o governo do Brasil, mediante decreto especial, concedeu-lhes a mais alta honraria oficial do país: a “Ordem do Cruzeiro do Sul”.

Sim, através de todos os séculos, Deus tem-Se empenhado na tarefa de procurar homens. Agora, suscitamos a interrogação: Que espécie de homem está Deus procurando?

O homem que Deus necessita não terá de ser necessariamente um gênio ou um indivíduo com elevado QI ou de personalidade carismática. Deus pode, obviamente, usar gênios na edificação de Sua igreja; entretanto, os escolhidos por Deus são em geral pessoas do termo médio.

O homem a quem Deus está procurando não é necessariamente um homem de grande prestígio social. Que classe de homens Deus escolheu no passado? Davi era um obscuro pastor em Israel. Pedro era um rude e instável pescador nas praias da Galiléia. Lutero era filho de um pobre mineiro. Carey era um sapateiro anônimo. Gipsy Smith era uma desprezada cigana. Por esta razão, Paulo diz: “Não são muitos os sábios segundo a carne, nem muitos os poderosos, nem muitos os nobres que são chamados. Mas Deus escolheu as coisas loucas deste mundo para confundir as sábias; e Deus escolheu as coisas fracas deste mundo para confundir as fortes; e Deus escolheu as coisas vis deste mundo, e as desprezíveis, e as que não são, para confundir as que são . . . para que nenhuma carne se glorie diante dEle”. I Cor. 1:26-31.

O homem a quem Deus busca não é um homem perfeito, sem mancha. Nenhum daqueles a quem Deus chamou era perfeito ou imaculado. Isaías, ao tornar-se cômico do divino chamado, exclamou: “Ai de mim que vou perecendo; pois sou um homem de lábios impuros, e habito no meio de um povo de impuros lábios, e os meus olhos viram o Rei, o Senhor dos Exércitos!” Isa. 6:5. Na presença de Deus o profeta sentiu sua própria indignidade.

Pedro, chamado para ser apóstolo, era impulsivo em suas reações e explosivo no seu comportamento.

Paulo, o legionário da cruz, era rude, ríspido, intolerante e algumas vezes violento.

Em obediência ao chamado de Deus, porém, todos esses homens foram transformados, e pela graça de Deus habilitados a realizar grandes coisas por Sua Causa.

Mas que qualificações precisa possuir o homem de quem Deus necessita? Deve ele ser um homem de grande fé. A fé honra a Deus, e Deus honra a fé, realizando grandes coisas por aqueles que nEle confiam.

O homem que Deus está procurando deve ser possuidor de exuberante paixão pelos perdidos, os que estão sem Deus e sem esperança.

Moisés, Paulo, Carey, Moody e outros heróis da fé nada seriam, não fora o fato de que estavam possuídos de impelente amor — amor que os consumia — pela humanidade.

A Bíblia nos diz que Jesus certa vez olhou do sopé do monte a desassossegada multidão, e Seu coração foi tocado pelo espetáculo. Ele não viu o povo como uma coleção amorfa de corpos. O Salvador viu neles homens, mulheres e crianças com suas enfermidades, frustrações, desapontamentos e aflições, e moveu-Se de grande compaixão e simpatia.

Deus necessita de homens que possuam compaixão como a de Cristo pelas necessidades de um mundo sacudido pelo temor, angústia e desespero. O fundador do Exército da Salvação, numa audiência com a rainha da Inglaterra, disse: “Uns têm paixão pelo ouro; outros pela fama; outros ainda têm paixão pelo poder. Minha paixão, Majestade, é pelas almas”.

O homem que Deus está procurando deve ser capaz de dar-se a si mesmo completamente, incondicionalmente, nas mãos de Deus. George Truett, disse: “A maior e mais nobre contribuição que podeis dar ao Senhor é vossa vida”.

Os dias de Ezequiel foram dias de declínio moral e eclipse espiritual. Nunca antes havia o povo de Deus caído em tão profunda apostasia como nesse tempo. Eles desprezavam o Senhor e Seu culto, e profanavam Suas leis. Falando nesses dias Deus disse: “Busquei dentre eles um homem que estivesse tapando o muro, e estivesse na brecha perante Mim por esta terra, para que Eu não a destruísse; mas a ninguém achei”. Eze. 22:30. Que tragédia!

Esta triste experiência lembra-nos a velha história de Diógenes, fundador da escola cínica de filosofia, o qual apareceu nas ruas de Atenas durante o dia, tendo à mão uma lanterna acesa, procurando um homem honesto.

Em nossa geração Deus não está em busca de edifícios, nem de instituições, nem de doações em dinheiro. Nestes dias de crise Deus procura um homem, e esta grande busca Ele a encontrou em cada um de vós.

Corpo, alma, intelecto, emoções, vontade, dons — tudo deve ser posto no altar do serviço. Deus encontrou um homem — Você!

Ao Lado do Presidente

(J. R. Spangler Entrevista Dollis Pierson)

P. Estamos interessados em saber como tem podido prestar eficaz colaboração ao seu marido, sendo como é, mãe ocupada com inúmeras responsabilidades. Antes de mais nada, diga-nos alguma coisa sobre sua família. Quantos filhos tem?

R. Mães e avós gostam de falar sobre seus filhos e netos, e eu me considero mãe típica. Temos dois maravilhosos filhos, duas noras amoráveis e sete netos — o número perfeito.

John Duane nasceu em Collegedale, Tennessee, enquanto meu marido era ainda estudante ali, e Bob nasceu quatro anos e meio depois, em Surat, Índia, durante nosso primeiro termo no campo missionário. John é agora médico, e reside na Flórida, enquanto que Bob ensina na Andrews University. Nossas quatro netas e três netos dão-nos real alegria, escrevem-nos sempre, e nos convidam sempre para visitá-los.

P. Como tem podido ajudar seu marido em suas responsabilidades como Pastor, evangelista, missionário em campo estrangeiro e finalmente presidente da Associação Geral?

R. Tenho desfrutado os anos com meu marido e dedicado o tempo com ele à obra evangelística. Temos trabalhado juntos de um modo que não seríamos capazes de fazer em qualquer outro tipo de trabalho. Em nossa primeira atividade pastoral ele foi o Pastor e eu professora da escola paroquial, e nos ajudamos um ao outro. Ele fazia seu trabalho pastoral e eu ajudava dando estudos

bíblicos e também nas reuniões evangelísticas. Aqueles foram os dias da depressão, e nossos salários combinados ainda eram muito baixos. Mas conseguimos ir levando, e até pudemos pagar uma empregada para me ajudar na limpeza da casa. Diariamente eu ensinava os treze alunos da escola, enquanto meu marido preparava os seus sermões, bem como suas palestras no rádio. Na parte da manhã ele supervisionava as tarefas de John, e na parte da tarde eu estava em casa, enquanto Roberto nesse período da tarde era o professor da escola. Tínhamos estudos bíblicos e reuniões evangelísticas todas as noites.

Logo Roberto foi chamado para a Associação Georgia-Cumberland como departamental. Um ano mais tarde recebemos chamado para a Divisão Sul-Asiática, servindo meu marido então como Pastor da igreja de Bombaim. De novo estávamos trabalhando juntos em atividade missionária, visitação e estudos bíblicos. Confesso que prefiro este tipo de trabalho.

Posteriormente Roberto foi chamado para suas primeiras atividades no Sul da Índia. Eu permaneci em casa e cuidei da educação de nossos filhos. Uma parte do tempo trabalhamos através do Home Study Institute, que é um maravilhoso auxílio para as mães nos campos missionários. Sempre tivemos hóspedes — obreiros que estavam percorrendo o campo missionário. Às vezes nossa casa chegava a parecer um pequeno hotel. Tivemos

o privilégio através dos anos de nos familiarizarmos com centenares de obreiros em nosso lar, e nossos filhos partilhavam desse privilégio, ouvindo nossos líderes à hora da refeição.

Quando os meninos estavam já no colégio, voltei a ter parte do trabalho e com isto a ajudar nas despesas. Então, naturalmente, houve oportunidade para trabalho missionário em nossa igreja local e nas vizinhanças. Talvez a melhor contribuição que eu tenha feito às atividades de meu marido, fosse qual fosse sua posição, era precisamente o adaptar-me às circunstâncias, e escrever sempre a meu marido enquanto ele estivesse fora no trabalho, animando-o, encorajando-o. Só posso dizer aqui que ele sempre foi maravilhoso em cuidar de mim, mesmo à distância, nunca deixando que nos faltasse alguma coisa.

P. Uma vez a irmã serviu no corpo diretivo de *The Ministry*. Qual era sua responsabilidade?

R. Sim, tive o prazer de trabalhar em *The Ministry*, cuidando da seção "By His Side". Penso que a parte que realmente mais me agradou foi meu contato com as esposas dos Pastores no campo.

P. Em que atividade está empenhada agora?

R. Faço pesquisa para *Listen*, no Departamento de Temperança.

P. Como esposa de nosso presidente da Associação Geral, e estando tão ativamente envolvida no trabalho do Depto. de Temperança, encontra ainda tempo para empenhar-se em trabalho missionário de sua igreja local em Beltsville, Maryland? Qual sua atividade missionária nessa igreja?

R. No momento sou professora substituta numa classe da Escola Sabatina de Adultos. Quando chega o tempo da Recolta, dedico-me a ela juntamente com os demais irmãos da igreja. Recentemente abrimos nosso lar para uma reunião das vizinhanças na Semana da Unidade Cristã, e duas esposas de obreiros da Associação Geral e eu fomos aos lares nas vizinhanças e convidamos as pessoas para virem. Realmente gosto de associar-me com os vizinhos.

P. Que qualidades considera essenciais para uma eficiente esposa de obreiro?

R. Não é uma pergunta que a esposa de um obreiro possa responder com facilidade. Muito mais importantes do que aquilo que eu consideraria ser essencial como qualidade

para uma esposa de obreiro, são as qualidades que Deus espera de nós como esposas de obreiros, e que desenvolverá em nós se Lhe dermos oportunidade. Demorar-me demasiado numa longa lista de qualidades que deveria possuir uma esposa de Pastor tenderia a conduzir-me ao desencorajamento, e sei que outras mulheres sentiriam o mesmo. Cada uma de nós conduz ao ministério seus próprios talentos individuais e personalidade que são básicos para nosso desenvolvimento. Crescemos, por assim dizer, no conhecimento do trabalho juntamente com nossos esposos, e fazemos o nosso melhor. E Deus desenvolve em nós aquilo que Ele entender ser mais útil para o Seu serviço.

Creio que todos concordam que a esposa de um obreiro precisa antes de tudo aprender a amar o povo e estar disposta a despende tempo em ajudá-lo. Está ela disposta a ajustar-se a súbitas mudanças de planos, e a acompanhar o marido de lugar para lugar? Isto é fundamental. Ela pode sentir-se frustrada algumas vezes com tais mudanças, mas sua disposição e capacidade de adaptar-se pode ajudá-la muitíssimo em situações diversas, inclusive quando inesperadamente surge um comensal para o almoço ou para o jantar, ou quando aparecem dez em vez dos cinco esperados, ou quando um planejado piquenique com os filhos tem de ser desfrutado só com ela e os filhos, porque o esposo precisou fazer uma viagem inesperada.

Pode a esposa do Pastor adaptar-se a todos os tipos de pessoas e a todos os conceitos filosóficos como elas têm de fazer tantas vezes na associação com diferentes pessoas em virtude da espécie de trabalho de seu marido? Se ela o consegue, isto lhe dará alegria de viver e fará que seja amada e admirada como esposa do Pastor.

P. Sua vida naturalmente tem-se centralizado no trabalho de seu marido. Em anos recentes, principalmente, tem tido de ficar sozinha muito tempo? Como enfrenta a solidão de maneira prática?

R. Meu marido começou sua obra de administrador muito jovem ainda. Vivíamos numa área isolada e sozinhos a maior parte do tempo. Quando ele saía de viagem, sentíamos muito a sua ausência. Eu procurava então brincar com as crianças mais tempo e levá-las mais freqüentemente a passeios.

Não é fácil para uma família viver assim isolada. De início, devo confessar, havia em meu coração sentimentos de profundo ressen-

timento. Jamais eu o admitiria a alguém — nem mesmo a mim própria. As crianças e o meu trabalho ocupavam-me os dias, mas as minhas noites eram longas e solitárias. Como não tinha então uma parte no trabalho de meu marido, era deixada a pensar comigo mesma. Mas o remédio para esta infeliz situação veio a minha mente logo. Eu precisava esquecer os meus próprios sentimentos e sair a levar alguma literatura ao povo nas ruas ou em qualquer lugar. Quando me pus a fazer isto, senti que voltava para o lar leve e cheia de ânimo. Depois de haver tomado esta decisão e a ela me dedicado, surgiram os estudos bíblicos e as visitas missionárias a amigos recém-descobertos. Depois, quando meu marido retornava, ajudava-me nesse trabalho.

Pessoas me perguntam: “Como suporta ter seu marido ausente tanto tempo?” E então acrescentam: “Bem, creio que já se acostumou a isto!” Por favor, não digam jamais isto a uma esposa de obreiro. Jamais a esposa se acostuma com este modo de vida; o que elas fazem é ajustar-se a ele.

P. Como primeira dama de nossa igreja, a irmã é constantemente convidada a receber pessoas. Que espécie de entretenimentos prefere? Dá preferência a reuniões com grandes grupos, ou prefere reunir uns poucos hóspedes? Que tipo de cardápio costuma apresentar quando recebendo pessoas para tais reuniões?

R. Ao longo dos anos temos preferido receber pequenos grupos. Isto nos dá oportunidade de palestrar com cada hóspede. Depois de nossa vinda para Washington temos recebido até 18 pessoas costumeiramente. Mas preferimos receber à nossa mesa no máximo oito hóspedes. Nosso cardápio é simples, quase sempre sopa com leve acompanhamento à noite. Recentemente tivemos um pequeno grupo para uma simples sopa e em seguida um debate sobre temas bíblicos.

P. Na intimidade de seu lar costuma discutir com seu marido os grandes problemas do campo mundial, ou prefere estabelecer uma atmosfera que lhe tire da mente os seus muitos problemas?

R. Meu marido não tem o costume de discutir em casa os problemas que enfrenta no trabalho. Ocasionalmente há em que ele deseja que me una a ele em oração em certas épocas de crise. Usualmente, depois de haver tratado o dia todo com problemas nas dife-

rentes comissões, ele prefere que nossa conversação se dirija em outros sentidos. Temos muitas coisas interessantes a tratar, como notícias dos filhos e netos.

P. Que espécie de padrão devocional segue em seu lar? Que conselho daria às esposas de obreiros neste sentido?

R. Quando meu marido está em casa, ele conduz a atividade devocional tanto de manhã como à noite. Na sexta-feira à noite partilhamos mutuamente alguma leitura, algumas vezes durante uma hora ou duas. Temos um tempo de paz e repouso com a leitura de nossa Bíblia e o Espírito de Profecia. Estas são ocasiões preciosas de companheirismo entre ambos e de ambos com Deus. Gosto que a leitura de minha Bíblia seja a última coisa que fiz antes de cair no sono. E isto ajuda-me a despertar com um hino no coração, e com uma oração de gratidão a Deus.

P. Algumas de nossas leitoras femininas poderão ocasionalmente ser chamadas a partilhar com o marido posições de responsabilidade em nossa igreja. Que conselho daria a essas irmãs?

R. Eu lhes diria que deverão estar prontas a partilhar com os maridos tempo, força e atenção em favor de outros. Nossa obra tem experimentado tremendo progresso nas últimas décadas. Os líderes vivem sob pressão como nunca dantes, e evidentemente assim será até que Jesus venha. Com o crescimento da organização teremos de esperar mais problemas e perplexidades, havendo, pois, oportunidade para que as esposas dos obreiros exerçam sua poderosa influência para o bem ao lado de seus maridos.

P. Tem a irmã meios especiais de tratar com problemas domésticos e com crises no lar que porventura surgem quando o esposo está ausente?

R. Problemas e crises domésticos não têm sido coisas muito reais em nosso lar. Parece haver sempre alguma espécie de amigos perto quando isto ocasionalmente acontece, e sempre recebemos alguma ajuda desses amigos. Pelo menos no momento não me ocorre à lembrança qualquer problema realmente digno de nota em nosso lar em qualquer tempo. Somos como uma grande família em nossa igreja. Tanto no campo missionário como aqui, em nossa terra, os irmãos têm sido verdadeiros ajudadores, e apreciamos o que têm feito por nós, e manifestamos-lhes também o nosso amor.



O Presidente Protestante e os Bispos Católicos

O encontro do presidente Geisel com os bispos Dom Aloísio Lorscheider e Dom Ivo Lorscheiter selou o início de uma etapa de aproximação e colaboração maiores entre a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e o Governo. Dom Aloísio levou ao presidente uma nova lista de pessoas desaparecidas e aceitou as explicações que lhe foram dadas por Geisel a respeito da questão do divórcio: o presidente declarou que, independentemente de sua posição pessoal a respeito, está impedido de intervir no problema, posição que a Igreja respeita e aceita. O mesmo, porém, não acontece com o cardeal Dom Eugênio Salles, que não esconde seu descontentamento com a atitude do Governo diante da questão do divórcio. Outra aresta que permanece no terreno da Igreja, embora por motivos diversos, é o cardeal Dom Evaristo Arns, de notória firmeza de atuação no terreno dos direitos humanos. Após algumas tentativas frustradas de aproximação, está encerrado, no momento, o diálogo do Planalto com Dom Evaristo. Isto para não falar em Dom Helder Câmara, cuja excomunhão política já vem de longa data.

Ecumenismo na Posse do Arcebispo de Cantuária

Pela primeira vez depois da separação entre Roma e a Igreja da Inglaterra (anglicana), o Vaticano foi representado oficialmente na cerimônia de entronização do arcebispo anglicano de Cantuária. O Cardeal Willebrands, Presidente do Secretariado Romano para a Unidade dos cristãos, o Cardeal Marty, de Paris, e o Cardeal Suenens, de Malinas — Bruxelas estiveram presentes à posse de Dom Donald Goggan como 101.º chefe da Igreja da Inglaterra. Sob o signo do ecumenismo, Donald Goggan sucede a Michael Romsey, que nos seus 13 anos de primado trabalhou pela aproximação efetiva entre anglicanos, católicos e outros cristãos.

Missa em "Jazz" na Catedral de São Patrício

Nova Iorque (CIC) Na Catedral de São Patrício, em Nova Iorque, 3 mil pessoas assistiram a uma missa animada, com músicas de "jazz". A missa em "jazz", de autoria de Mary Lou Williams, por isso chamada de "Missa de Mary Lou", teve a participação de quatro corais de colégios católicos da diocese de Nova Iorque. Colaboraram como instrumentistas dois grandes nomes do jazz americano: Buster Williams, no contrabaixo, e Griffin, na bateria.

Você Pode ...

Desejar a vida eterna como o jovem rico,
Dar seus bens como Ananias e Safira,
Desejar os dons espirituais como Simão,
Ambicionar a morte de um justo como
Balaão,
Trazer uma oferta como Caim,
Casar-se com um homem notável como
Dalila,
Estar ligado a um grande homem de
Deus como Demas,
Ser visitado por um anjo como a mulher
de Ló,
Viver com o povo de Deus como Geazi,
Tomar uma boa resolução como Félix,
Ser curado como Asa,
Receber solene advertência como Bel-
sazar,
Ministrar como Nadabe,
Pedir orações como Faraó,
Ser quase persuadido como Agripa,
Não encontrar faltas em Jesus como Pi-
latos,
Ter um bom pai como Ofni e Finéias,
Fazer longas orações como os fariseus,
Ser capaz de profetizar como Saul,
Ter alguns adeptos como Teudas,
Possuir lâmpadas de profissão de fé como
as virgens loucas,
E NÃO SER SALVO.

Madge M. Miller

Mudou de Endereço?

Para que não se interrompa a remessa de *O Ministério*, envie-nos o seu novo endereço. Com todo o prazer continuaremos a atendê-lo.

Nome

Endereço anterior

Novo endereço

Envie a Casilla 286, Montevideú, Uruguai.
Associação Ministerial.

O MINISTÉRIO adventista

O MINISTÉRIO ADVENTISTA — Publi-
cado bimestralmente pela ASSOCIA-
ÇÃO MINISTERIAL DA IGREJA AD-
VENTISTA DO 7.º DIA — Editado pela
Casa Publicadora Brasileira, Av. Pe-
reira Barreto, 42 — 09000 - Sto. André,
São Paulo.

Ano 41 Nov.-Dez., 1975 N.º 6

Esta revista acha-se registrada no
DCDP do DPF sob n.º 899 — P. 209/73

DIRETOR —

RUBÉN PEREYRA

GERENTE GERAL —

BERNARDO E. SCHÜNEMANN

REDATOR —

CARLOS A. TREZZA

COLABORADORES —

R. A. WILCOX, ENOQUE DE OLI-
VEIRA

DEPTO. DE ARTE —

HENRIQUE C. KAERCHER

Assinatura Anual Cr\$ 48,00

US\$ 6,00

Número Avulso Cr\$ 8,00

US\$ 1,00

NESTE NÚMERO

De Coração a Coração

Foi para Mim que o Pastor

Falou 2

Evangelismo

Solucionando um Proble-
ma por Meio de Leigos 4

Pastoral

O Serviço da Unção 5

Ajuda na Vida Cotidiana 8

Artigos Gerais

"Eu Sou Jeová; Este é o
Meu Nome" 10

Andrews University Confe-
re ao Pastor Enoch de
Oliveira o Título Honorí-
fico de Doutor em Di-
vidade 14

A Maior Procura 16

O Lar do Pastor

Ao Lado do Presidente . 20

Notas Breves

Sobre o Ecumenismo 23